

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**, 2. ed., Moderna, São Paulo; 2000.

DEMO, Pedro, 1941 – **Mitologias da Avaliação: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas**, 2 ed., Campinas, SP; 2002.

HOFFMANN, Jussara, **Mito e Desafio. Uma Perspectiva Construtivista**: 31. ed. Mediação.

KENSKI, Vani Moreira. **Avaliação da Aprendizagem** in LOPES, Antônia Ozina, **Repensando a Didática**. 3. ed., Campinas, SP; Papirus, 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições** 12. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

CONCLUSÃO

Percebe-se que é preciso transformar o processo avaliativo em mensagem que faça sentido, tanto para quem a emite quanto para aquele que a recebe. O maior interesse de um processo de avaliação deveria recair no fato de se tornar verdadeiramente informador, ela deveria se tornar em um meio de comunicação social clara e efetiva, oferecendo ao aluno informações que ele possa assimilar, compreender e que lhes sejam úteis.

A prática da avaliação não pode ser vista com caráter quantitativo e sim qualitativo, pois o conhecimento não se pode medir, é um processo evolutivo, e falar de avaliação qualitativa, é falar de compromisso, cabe ao professor garantir para uma melhor aprendizagem possível, não usando esta para punição e sim para o crescimento e desenvolvimento dos educandos, e aprender com qualidade não é aprender apenas a restringir-se aos bons resultados quantitativos.

A avaliação deve oferecer condições para que o aluno se interesse em obter mais conhecimentos, e deixe de ser um método somente para aprovar e reprovar e não causar pânico, é comum alunos estudarem só para obter uma nota, não se preocupando com o aprendizado, deveria oferecer subsídios necessários para se adquirir conhecimentos, fazer com que esse aluno seja capaz de reconstruir esse conhecimento.

Não se deve confundir avaliação com nota, pois, nota é apenas uma forma de se expressar os resultados de uma avaliação, precisamos fazer da avaliação um diálogo entre aluno e professor, permitir a ambos uma relação aberta, onde haja informações sobre fazeres e aprendizagem com resultados significativos para ambos. Que esse professor seja capaz de apoiar o aluno com as devidas informações, esclarecendo suas dúvidas, encorajando-o e também orientando-o

1.2 IMPRECIÇÕES DA TERMINOLOGIA: O SIGNIFICADO TESTAR E MEDIR

As notas e os conceitos dos alunos, na grande maioria das vezes, não correspondem a pontos que foram mencionados e determinados. Vale ressaltar que cabe ao professor ter uma definição numérica que represente maior ou menor comprometimento do aluno. A quantificação pode ser dispensada na avaliação, consiste apenas em objeto de trabalho.

A avaliação deve significar a relação entre dois sujeitos que conheçam e compreenda o mundo através de suas individualidades. É de suma importância o diálogo entre professor e aluno, que esse esteja “aberto” a questionamentos, à revisões, e que não dê sempre a palavra final no que se refere a nota, e que essa nota alcançada pode ser mudada, porque nem sempre o professor é justo em suas correções; ser capaz de analisar caso por caso, procurar identificar o porque determinado aluno obteve essa nota. Não deve reduzir o processo da avaliação às suas ferramentas, aos seus próprios métodos, pois se assim o fizer, ele se sentirá o “dono” do “poder” em educação.

1.3 AVALIAÇÃO ENQUANTO MEDIAÇÃO

Quanto ao objetivo da perspectiva mediadora da avaliação é necessário que aconteça transformações no que diz respeito a mudanças de consciência entre o sistema de Ensino e Educadores, sobre a prática da avaliação, sendo capazes de manifestar, revelar os pontos negativos e que muitas vezes até chega reprimir o aluno por ter sido realizados de maneira inadequados. Que a avaliação seja direcionada para caminhos onde haja relações de diálogos, para o bom desempenho da educação, pois onde o professor e o sistema de ensino falam a mesma língua, a educação caminha, e seus alunos com certeza serão beneficiados com uma aprendizagem de qualidade.

É comum perceber entre professores e pedagogos o medo, pois sofreram ao longo da história os baixos salários, a má formação, além de outros aspectos como serem manipulados por uma política sem nem um compromisso com o desenvolvimento da educação.

A solução mais inteligente, entretanto, não será fugir da avaliação, mais realizá-la com competência e transparência, incluindo sempre a necessidade de avaliar o avaliador. O avaliado carece do direito de reagir e aprender.

No fundo o mais importante não é discutir nota, conceito ou qualquer outra expressão, mas garantir, de todas as maneiras, o compromisso com a aprendizagem adequada do aluno.

1.1 AVALIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SEGUNDO JUSSARA HOFFMANN EM SEU LIVRO, AVALIAÇÃO, MITO E DESAFIO.

A avaliação é de suma importância para a educação, ela faz parte dela não pode ficar separada enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação, um professor que não realiza avaliações constantemente, a ação de educar, no sentido de fazer indagações, investigações, cria-se na educação verdades prontas não dando oportunidades para que o aluno vá em busca de uma aprendizagem satisfatória. A avaliação pode-se tornar reflexão transformando-se em ação. Ação que nos impulsiona à novas reflexões que os educadores fazem de sua realidade, acompanhar seus alunos em sua trajetória de construção do conhecimento. A avaliação, com a perspectiva de construir conhecimentos, cabe ao professor transmitir confiança, fornecer subsídios, para que seus alunos construa e reconstrua valorizando seu empenho e interesse.

A ação avaliativa é ampla no que diz respeito à compreensão do conhecimento, porque o que interessa ao professor é oferecer condições para que o educando faça reflexões sobre o mundo que o cerca, que exerça sempre reflexões sobre suas abstrações referentes ao conhecimento.

processo de construção permanente. Não haveria, assim hora específica para avaliar, porque está sempre sob avaliação, à medida que constrói conhecimento. Ele necessita estar elaborando continuamente seus conhecimentos e passar a novos conhecimentos por via de elaboração, se assim o fizer produzirá resultados eficientes para comprovar se obteve aprendizagem, não estabelecer hora ou lugar para serem avaliados, pode produzir em aula ou em casa independente de onde esteja, desde que seja produto de seu esforço reconstrutivo pessoal, e essa liberdade que foi oferecida ao educando se torna essencial, não deve ser substituída por nada, nem pelo professor com sua aula ou pelo livro didático.

A medida que o aluno vai reconstruindo conhecimentos, cabe ao professor transformar esta avaliação feita em variadas formas, podendo-as converter em nota, desde que esta reflita e abranja todo o processo. As notas serão sempre provisórias e o conhecimento reconstruído podendo sempre ser reconstruído.

Cabe ao professor estar sempre fazendo elogios, para que o aluno se sinta impulsionado a crescer cada vez mais, como vale também fazer críticas, para que esse educando esteja reconstruindo sempre o que lhe foi ensinado de maneira mais proveitosa. A avaliação não pode se bastar com saber quantas perguntas o aluno sabe perguntar e responder, se ele consegue fazer argumentos, se é livre para criar, questionar e que seja capaz de criticar autores e livros, com isso seu conhecimento se avançará sempre.

A substância central da avaliação é a aprendizagem, o professor que sabe avaliar, classifica alunos fins estritamente pedagógicos, por causa do dever que tem de fazê-lo aprender bem e do direito do aluno. Todo processo avaliativo, incomoda por razões sociais e metodológicas, e ao incomodar, pode-se retirar disso algo positivo ou negativo, e o professor deve-se preocupar com a questão da humilhação e a exclusão que pode acarretar no aluno.

“A avaliação se tornou trauma. Mas não é o fenômeno mais original. Na origem, estão sobretudo o pavor de ser avaliado e o descanso com a aprendizagem.”⁷

⁷ Demo. Mitologias da Avaliação, de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. 2002 p. 61

CAPÍTULO III

1 - MITOLOGIAS DA AVALIAÇÃO

Segundo Pedro Demo, avaliar é sempre classificar, mas podemos encontrar razões pedagógicas e éticas para proceder desse modo, em particular para garantir tanto melhor uma aprendizagem para o aluno, a importância dessa aprendizagem está principalmente em desenvolver sua capacidade de confronto diante das desigualdades. Avalia-se, para estabelecer a distância entre o lugar que ocupa no momento o aluno e o lugar onde imaginamos que esse deveria estar.

*“Avaliar para garantir o direito de aprender, quer dizer, instrumentar o caminho de resgate da causa”.*⁶

Pretender negar o contexto classificatório da avaliação considera em fazer avaliação que avalia, precisa-se, pois, administrar pedagogicamente a classificação, se essa avaliação não executa a classificação, também não sua capacidade de avaliar.

O pavor diante da avaliação poderá diminuir, quando professores e pedagogos perceberem que o incômodo intrínseco vale a pena, porque não é feito propriamente para incomodar, mas para aprender, se averiguar-se o processo se torna transparente, permitindo sempre a reação ou a contra-argumentação por parte do avaliado, pois todo processo avaliativo pode e deve ser questionado, feito assim terá a possibilidade de inovar-se e voltar a prender.

O aluno precisa estar elaborando continuamente seus conhecimentos e passar a conhecimentos novos pela via da elaboração; se fizer isso sistematicamente, produz mais material mais que suficiente para comprovar se aprende ou é preciso avaliar o aluno por aquilo que constrói pessoalmente. Sendo aprendizagem processo, não pacote a ser adquirido, realiza-se no

⁶ Demo. Mitologias da Avaliação, de como ignorar em vez de enfrentar problemas. 2002 p. 19

um resultado, e esse educando passará a estudar, apenas para alcançar essa nota, a finalidade dessa avaliação ficará descaracterizada.

Precisamos transformar o discurso avaliativo em mensagem que faça sentido, tanto para quem a emite quanto para aquele que a recebe. O maior interesse de um processo de avaliação deveria recair no fato de se tornar verdadeiramente informador. A avaliação deve tornar-se o momento e o meio de uma comunicação social clara e efetiva. A avaliação deve sempre fornecer ao aluno informações que ele possa compreender e que lhes traga, resultados positivos, se a nota obtida fornecer informações compreensível e útil, não deve-se privá-lo dessa mesma informação.

É necessário tomar consciência que o real problema existe e as escolas, juntamente com seus professores enfrentam, não é o da existência de uma nota, a questão é que se faça uma revisão nos modelos, estabelecidos e que esses paradigmas estejam voltados para uma pedagogia filosófica, realizar mudanças técnicas e de métodos não trariam grandes resultados, mas sim sua essência.

Assim, um sistema de notas que esteja voltado para objetivos qualitativos da avaliação é, pois, perfeitamente possível e conveniente. A questão é que, quando se discute a necessidade de mudanças no entendimento e na forma como as avaliações vem sendo feitas, especialmente a respeito de notas, isto acaba significando para muitos uma intenção de eliminá-las da escola, já que confundem avaliar com atribuir notas.

Deve-se levar em consideração os critérios parte do princípio que não se aprende tudo de uma vez. Se o aprendizado é progressivo, por que não uma avaliação que acompanhe o processo? A oportunidade que se dá ao aluno de refazer uma questão vai fazer com que ele acredite cada vez mais em si mesmo.

“as mudanças na forma de desenvolvimento desse processo implicam, necessariamente, mudanças nas formas da ação avaliativa. Do mesmo modo, as alterações no processo de avaliação poderão conduzir a uma transformação no processo de ensino” (Melchior, 1994:22).⁵

Uma proposta de Avaliação deve manter coerência, guardar relações com a proposta de ensino realizada, pois esta acaba determinando a outra, especialmente no que diz respeito à fundamentação teórica. Assim, é necessário buscar-se conhecer melhor as teorias do conhecimento para se estabelecer, com clareza, as propostas a serem realizadas.

Avalia-se o aluno apenas em um determinado momento, pois avalia-se apenas o produto, sem se interessar pelo processo. Separa-se a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, já que ela acontece em momentos especiais, com rituais especiais, com valores especiais, etc.

Um processo de avaliação deve se preocupar tanto com o aspecto técnico-formal quanto com o político do processo educativo. O objetivo maior deve ser o bom desempenho do aluno, se ele não aprender com qualidade, com certeza terá dificuldades no decorrer de sua carreira estudantil, deverá ser capaz de reconstruir conhecimentos, deve se tornar um cidadão que faça questionamentos, indagações e também ser crítico, participação e responsável politicamente.

Um aluno não deve ser aprovado sem desempenho, é de suma importância que o professor saiba aprovar bem, se realizar com eficiência essa tarefa com seus alunos e não se promover através de promoções, por exemplo, todos os educando necessitam aprender todas as disciplinas, não podem passar por passar.

A avaliação não pode estar restrita apenas à função de atribuir uma nota, se fizermos assim, estaremos avaliando somente para que o aluno obtenha

⁵ Rabelo, Avaliação, Novos Tempos, Novas Práticas. 1998 p. 20.

só) os resultados alcançados pelo aluno em relação à aprendizagem dos conteúdos programáticos pelo professor do que ele verdadeiramente representa quanto à produção de conhecimento pelo aluno.

“A quantificação não é absolutamente indispensável e muito menos essencial à avaliação. Consiste em ferramenta de trabalho, útil, somente se assim for compreendida”. (Hoffmann, 1995: 54).⁴

É preciso fazer avaliações sistemáticas para verificar também o nível de atendimento dos objetivos dos conteúdos do programa de ensino estabelecido, mas se esquecer, que constitui o objetivo mais amplo do trabalho com todo e qualquer conteúdo programático fazer com que o aluno enfrente situações-problemas desafiadoras, generalize o seu conhecimento ao enfrentá-las e seja capaz de encontrar soluções satisfatórias para suas necessidades nestas situações.

Se avaliar é muito mais do que aplicar teste, uma prova, fazer uma observação, então, o essencial não é saber se um aluno merece esta ou aquela nota, este ou aquele conceito, mas fazer da avaliação um instrumento auxiliar da aprendizagem. Ma, para isto é bom lembrar que “tentar uma prática alternativa de avaliação virá, conseqüentemente, questionar todo o nosso modo de pensar e de agir, nossa consciência, nossa prática pedagógica e social.

1.11 UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Uma avaliação só é produtivamente possível se realizada como um dos elementos de um processo de ensino e de aprendizagem, que estejam claramente definidos por um projeto pedagógico. Somente ao refletir e organizar a ação pedagógica como um tudo é possível refletir sobre cada um deles. Por isso, para falar-se da ação avaliativa é preciso nos referirmos, antes de mais nada, ao projeto didático-pedagógico para que a proposta de avaliação não seja vista de forma desvinculada dos demais elementos do processo, pois

⁴ Rabelo, Avaliação, Novos Tempos, Novas Práticas. 1998 p. 17

Por isso, devemos pretender uma avaliação mais ampla, da qual uma prova, por exemplo, sobre conteúdos trabalhados faça parte tão somente, como um dos recursos, através dos quais podemos avaliar o rendimento escolar, o conhecimento de um aluno.

Não se pode pretender avaliar, por exemplo, somente se um aluno responde corretamente a uma questão que envolve uma adição como por exemplo vinte mais trinta, mais do que isso, deve-se avaliar também as relações e recursos que ela usou ou não para chegar ao resultado dessa operação naquela questão; relações empíricas e reflexivas, portanto, ou não avaliar se uma criança sabe contar de um a trinta, e se realmente o conceito de número está construído para ela, ou seja, se já conseguiu estabelecer uma relação de ordem e inclusão hierárquica para esses números, isto é, se eles realmente expressam uma idéia de quantidade para ela, se a contagem não é apenas um ato mecânico, resultado apenas de um bom uso da memória. Podemos esperar que um aluno resolva um problema matemático que envolva a idéia de multiplicação, de divisão, etc., mas não podemos exigir que use determinados algoritmos para estas operações, sem que, antes, ele adquira as regras e as técnicas de ações neles envolvidas.

1.10 UMA QUESTÃO SOCIOCULTURAL

A avaliação deve desenvolver a autonomia do educando, tendo como objetivo criar o social, moral e intelectual desse aluno, devemos levar em conta a sua participação, a sua disciplina, o seu interesse, o seu compromisso e a sua organização, no seu espaço e no espaço do outro, necessitamos avaliar sempre se está havendo ou não o estabelecimento de algum tipo de relação positiva, interna e externa a ele próprio, com o mundo e se essas relações estão contribuindo para ele dentro do grupo e também para o grupo em que ele está inserido.

Como a escola está inserida num contexto sociocultural mais amplo, precisamos, ainda considerar a avaliação também no seu aspecto mais técnico-formal e, se necessário, explicitar também em termos de uma medida (mas não

exigido pela sociedade burguesa e, por isso, mais fácil e costumeira de ser executada. Provas e exames implicam julgamento, com conseqüente exclusão; avaliação pressupõe acolhimento, tendo em vista a transformação.

1.9 SEGUNDO EDMAR HENRIQUE RABELO, A AVALIAÇÃO NOVOS TEMPOS, NOVAS PRÁTICAS

A avaliação é inerente e imprescindível, durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão-ação, porque

“educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente”. (Gadotti, 1984:90).³

Ao desenvolver o ato de avaliar devemos ter consciência de que com essa avaliação, possamos estar contribuindo para a construção de pessoas que serão capazes de realizar competências técnicas e sócio-política-culturais. Para isso é necessário que as escolas não continuem com verdades prontas e acabadas, é imprescindível que esteja aberta a questionamentos, investigações, indagações e a rever sempre sua proposta pedagógica.

Em uma proposta pedagógica como um todo e, especificamente, em uma proposta de avaliação não podemos dar ênfase somente a respostas certas ou erradas, mas também, e com relevada importância, ao como um aluno chega a tais respostas, tanto as certas quanto as erradas.

É muito comum perceber nas escolas falar que avaliação deve ser contínua, valorizar tudo o que o aluno faz, estar verificando sempre o seu desenvolvimento, não comparar só o seu rendimento, mas nem sempre isso acontece. Precisamos deixar de falácias e utopias e buscar a realização desse discurso, porque essa avaliação feita somente com intuito de adquirir uma nota, não contribui para o crescimento, para o desenvolvimento desse educando.

³ Rabelo, Avaliação, Novos Tempos, Novas Práticas. 1998 p. 11

1.6 POR UMA PRÁTICA DOCENTE CRÍTICA E CONSTRUTIVA

Se a avaliação não assumir a forma diagnóstica, ela não poderá estar a serviço da proposta política, estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva, pois se a avaliação continuar sendo utilizada de forma classificatória, como tem sido até hoje, não viabiliza uma tomada de decisão em função da construção dos resultados esperados. A avaliação nada tem feito do que classifica o educando, num certo estágio de desenvolvimento e dessa forma não auxilia a construção de resultados esperados.

1.7 PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO NO ENSINO: A BUSCA DE Um Desejo.

A avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é de que a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando e assuma o papel de auxiliar o crescimento.

Para que aconteça uma avaliação satisfatória é necessário que haja uma entrega ao desejo de fazer com que o aluno cada vez mais cresça, e estar sempre atento às necessidades dos educandos para construirmos resultados positivos, auxiliando o desenvolvimento de seus alunos.

1.8 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: UM ATO AMOROSO

Essa prática é difícil de ser mudada devido ao fato de que a avaliação, por si, é um ato amoroso e a sociedade na qual está sendo praticada não é muitas vezes amorosa e daí, vence a sociedade e não a avaliação. Em nossa prática escolar, hoje, usamos a denominação de avaliação e praticamos provas e exames, uma vez que esta é mais compatível com o senso comum

1.4 VERIFICAÇÃO OU AVALIAÇÃO; O QUE PRÁTICA A ESCOLA?

Segundo Luckesi Cipriano Carlos, no Livro *Avaliação da Aprendizagem Escolar*, ao avaliar, o professor deverá: coletar, analisar e sistematizar, da forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas, afetivas, psicomotoras e seus alunos, produzindo o aspecto efetivamente aprendido. Atribuir qualidades à esses aspectos da aprendizagem a partir de expectativas já existentes entre Instituição de Ensino e educadores. A partir dessa classificação, deve-se tomar uma decisão sobre as condutas docentes e discentes a serem seguidas, tendo em vista a orientação imediata da aprendizagem, caso a sua qualidade se mostre insatisfatória e caso o conteúdo, habilidade ou hábito, que esteja sendo ensinado e aprendido sendo essencial para formação do educando.

Encaminhar os educandos para uma aprendizagem satisfatória e com qualidade, lembrando que o objetivo principal não será a aprovação ou reprovação do aluno, mas que o professor seja capaz de direcioná-lo à aprendizagem e ao seu desenvolvimento.

1.5 PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO NA ESCOLA

A avaliação poderia ser compreendida como uma crítica do percurso de uma ação, seja ela curta, seja prolongada. Enquanto o planejamento dimensiona o que se vai construir, a avaliação subsidia essa construção, porque fundamenta novas decisões.

Segundo Luckesi no Livro *Avaliação da Aprendizagem Escolar*, a avaliação como crítica de percurso, é como se fosse uma ferramenta indispensável para o ser humano, faz parte do seu crescimento, ele não consegue se livrar dela, é necessário que faça bom uso para se alcançar resultados positivos.

que foi ensinado, mas sim quem não aprendeu, para muitas vezes expor a sua incompetência e sua fragilidade à seus colegas.

Existiam e existem, ainda, castigos como: ficar retido na sala de aula durante o recreio ou intervalo entre uma aula e outra, suspender o lanche, realizar tarefas extras.

Sabemos que outras formas mais úteis de castigar têm sido utilizadas ainda hoje, tais como: a gozação com um aluno que não foi bem, a ridicularização de um erro, a ameaça da reprovação, o teste "relâmpago".

Atitudes de ameaças são de grande prejuízo para o aluno, pois, terá medo, ansiedade, resultando na vergonha que sofrerá perante seus colegas. O medo embaraça a vida e a liberdade, cria a dependência e a incapacidade para ir sempre para a frente, também impede que a escola e a sala de aula a serem um ambiente de alegria, busca de conhecimento, satisfação.

Contudo, o erro poderia ser visto como fonte de virtude, de crescimento, observar o fato sem fazer preconceitos, tentar retirar os benefícios possíveis, é necessário fazer essa observação antes para só depois julgar, é preciso aprender essa conduta, se queremos usar o erro como fonte de virtude, ou seja de crescimento.

Segundo Luckesi para que a avaliação funcione para os alunos como um meio de autocompreensão, importa que tenha, também, o caráter de uma avaliação participativa, uma conduta segundo a qual o professor, a partir dos instrumentos adequados de avaliação, discutindo com os alunos a aprendizagem que lhes alcançaram. Sendo que o objetivo dessa participação é que professor e alunos cheguem juntos a um entendimento da situação de aprendizagem que, por sua vez, está articulado com o processo de ensino.

qualitativo não pode ser inteiramente subjetivo. Em terceiro lugar, a avaliação forneça métodos, subsídios para que se crie uma nova mentalidade a respeito dela e que seja voltada para uma educação de qualidade, onde exista posturas de inovações para o melhoramento feitas com critérios, onde o processo educacional seja beneficiado.

A Avaliação educacional escolar assumida como classificatória torna-se, desse modo, um instrumento autoritário, nem sempre dá oportunidade às pessoas à crescerem à adquirirem um saber; a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber.

Muitas vezes o professor autoritário usa a avaliação para hostilizar os alunos, exige condutas e outras coisas por ser autoritário, por exemplo o professor aplica-se um teste onde a comunicação do que se pede pode não ser clara, mas usando da sua autoridade, sempre tenderá a dizer que ele tem razão e o aluno não sabia, por isso, não deu a resposta. No entanto, o aluno poderia estar capacitado e só não manifestou o seu desempenho esperado por ter sido impossível entender o que se queria, então o professor autoritário decide que o aluno deve ser classificado como incompetente.

A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica, terá de ser uma atividade bem definida onde se usa a razão, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

1.3 PRÁTICA ESCOLAR: DO ERRO COMO FONTE DE CASTIGO AO ERRO COMO FONTE DE VIRTUDE

Uma forma de castigar um pouco mais sutil que as anteriores, que existiu no passado e ainda existe, é a prática pela qual o professor cria um clima de medo, tensão e ansiedade entre os alunos.

Esse modo de conduzir a docência manifesta-se de forma negativa, porque normalmente o professor não está interessado em descobrir que sabe o

O ato de avaliar está presente em todos os momentos da vida humana, a todo o momento as pessoas são obrigadas a tornar decisões que, na maioria das vezes, são definidas a partir de julgamentos provisórios, são assumidos como verdades, também são considerados como opiniões, que são adotadas e auxiliam os indivíduos na tomada de decisões.

Ao assumirmos que o ato de avaliar se faz presente em todos os momentos da vida humana estamos admitindo que ele também está presente em todos os momentos vividos em sala de aula. O dia-a-dia da sala de aula não se separa do cotidiano de cada um dos indivíduos que se relacionam, esse ato de avaliar está sempre presente nos momentos desfrutados pela classe. Alunos e professores estão permanentemente avaliando a tudo e a todos.

Os alunos também avaliam os seus colegas e, principalmente, o professor, esse é avaliado de diferentes critérios que vão desde sua aparência pessoal até a suas atitudes perante à classe ou a sua relação, em termos de conhecimento, com a matéria que ensina. Um professor que rotula uma determinada classe de "incapaz" ou de "indisciplinada", mesmo que esses alunos demonstre o contrário o professor não consegue mudar a sua opinião em relação à essa turma, sendo que essa atitude se torna preconceituosa perante à classe.

Esses juízos são também responsáveis pelas posições de ambas as partes professores e alunos, e que vão desde a colaboração e participação positiva até todos os atos de resistência e oposição. O professor faz-se uso desse juízo que definem a forma de seu relacionamento com seus alunos, distribuindo-se prêmios, castigos, punições e elogios conforme estes se aproximem ou não de sua expectativas.

1.2 AVALIAÇÃO EDUCACIONAL ESCOLAR PARA ALÉM DO AUTORITARISMO

Em primeiro lugar, ela é um juízo de valor, o que significa uma afirmação qualitativa sobre um dado objeto, a partir de critérios preestabelecidos, portanto que seja distinta. Em segundo lugar julga-se com base em caracteres relevantes da realidade, do objeto da avaliação, esse julgamento, apesar de ser

O mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, essa avaliação tem sido em muitos casos uma prova de resistência do aluno aos ataques de seu professor, sendo que as notas são construídas, obtidas, como se não uma etapa da aprendizagem e dela não fizesse parte, as médias são meros números e não resultados da aprendizagem.

A relação professor-aluno deixa a desejar, pois as notas, as médias, reprovação e aprovação são mais fortes, segundo Luckesi essa relação entre sujeitos, passa a ser uma relação entre coisas, as notas.

As notas faz com que professor e aluno se tornem cada vez mais individualistas, pois o aluno necessita dela não se importando se ela é resultado de uma aprendizagem desejada ou não, geralmente é em função dessa nota que o aluno vive na prática escolar.

É muito comum ver professores usar de ameaças, que se torna prejudicial ao educando, impedindo que ele cresça, mesmo que não seja "castigado", fica em sua cabeça e se torna medo e também passa ser um problema psicológico, a avaliação em nossas escolas é geralmente feita com ameaças. A sua função seria auxiliar a construção da aprendizagem com resultados positivos, favorecendo ao aluno no desenvolvimento intelectual tanto pessoal como profissional, e que o educando não tivesse esse "terror" de fazer provas, pois o professor sendo um bom profissional conseguirá criar no aluno novas mentalidade em relação a avaliação e com certeza esse terá mais gosto pelos estudos e mais resultados positivos.

Segundo Luckesi se os métodos e avaliação fizessem parte do processo de ensino aprendizagem, não existiria a possibilidade de usufruir-se dele como se bem quer. Estariam articulados com os procedimentos de ensino, e não poderiam conduzir ao arbítrio. Se a avaliação não estivesse ligada com a questão da reprovação mais de que a aprovação, ela com certeza auxiliaria o aluno a prosseguir com seus estudos, porque muitas vezes alunos que são reprovados passam a serem desistentes, e no futuro serão excluídos não só de sua classe de aula, de seus colegas más sim da sociedade.

Os alunos têm sua atenção centrada voltada para a promoção, muitas vezes não estão preocupados em adquirir conhecimentos, ao iniciar o ano letivo procuram se enterar como se realizará o processo da promoção no caso as avaliações finais do período escolar.

Durante o ano letivo, as notas vão sendo observadas, médias são obtidas pelos alunos, o que prevalece sem a preocupação como foram adquiridas, nem os meios que fez o educando chegar à respectiva nota, muitas vezes são aplicados e até manipulados sem a devida atenção como se não fizesse parte do processo de aprendizagem.

Professores faz das provas instrumentos de ameaça aos seus alunos, um exemplo, quando ele sente que seu trabalho não mostrando o efeito esperado, desejado, se sente com o "poder" nas mãos usando de sua incompetência tanto para aprovar como para reprovar.

O estudante deverá se empenhar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes para o seu crescimento intelectual e pessoal, mas porque são ameaçados por seus professores que farão uma prova respondendo à essas ameaças e o medo os leva à estudar.

É muito comum pais se preocuparem com as notas obtidas por seus filhos sem à devida atenção se estão adquirindo conhecimentos, o que é importante são os resultados finais, se seus filhos são aprovados mesmo sem aprendido.

O estabelecimento de ensino geralmente observa os resultados, verificando no todo das notas como estão o rendimento dos alunos.

Os professores elaboram suas provas não com o intuito de auxiliar o aluno na sua aprendizagem, muitas vezes ele faz da prova um recurso para reprovar o aluno, esse fato decorre de ameaças, como por exemplo quando o professor constrói essa prova onde o conteúdo é destorcido, desloca-lo do que foi estudado em sala de aula, nem sempre se leva em conta o que o aluno assimilou.

Importante é que os resultados dessas auto-avaliações se tornem conscientes, que possam ser utilizados de alguma forma para orientar, para um bom desempenho no processo ensino-aprendizagem. Em um processo crítico, onde o ensino a ser ministrado visa uma educação transformadora, a ênfase da avaliação vai estar nas relações no contato diário com o conhecimento, cabe ao professor propiciar momentos de reflexões, para que os alunos possam utilizar o conhecimento apreendido, para criar, questionar, sugerir, procurar novas formas de aplicar esse saber e que seja capaz de demonstrar as transformações que o novo saber lhes proporcionou. Que esses alunos executem atividades diversas em grupos ou individualmente, como realização de experimentos, elaboração de projetos, participação em discussões, etc. Os resultados dessas atividades necessitam ser conhecidos não só pelo professor mas, também, por todos os alunos, devem ser discutidos, analisados em classe, sejam redefinidos ou não os objetivos, reorientados ou não os caminhos da ação educativa.

O processo de avaliação em sua forma final, classificatória, não encerra o processo ensino-aprendizagem, sua principal função deve ser a de permitir a análise crítica da realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades ou de outras dimensões possíveis de serem atingidas. O ato de avaliar é uma fonte de conhecimentos e de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente do processo educativo.

1.1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Segundo Cipriano Carlos Luckesi, pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos tem suas atenções centradas na promoção. O sistema de Ensino está interessado nos percentuais de aprovação e reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade, os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça, os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes.

problemas já existentes, fazendo questionamentos, procurando formas criativas e competentes.

As tarefas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem não poderão ficar estagnadas, isoladas, pois fazem parte do cotidiano dos indivíduos na escola e não devem ser avaliadas, apenas em momentos isolados, muitas vezes totalmente desvinculados da realidade diária de sala de aula, e onde os alunos precisam responder questões sobre um conhecimento transformado e mais sintético. Essa avaliação acontecerá durante o processo, nas relações dinâmicas de sala de aula e oferecerá subsídios para que se tome decisões coerentes, relacionadas no que diz respeito ao conteúdo a ser ministrado, e que seja compreensível e que produza não só aprendizagem mas sim conhecimento para o aluno. Para que isso aconteça é necessário que o professor esteja atento as alterações de comportamento dos alunos, que esse propicie um clima favorável à participação de todos em sala de aula, que os alunos se sintam à vontade e não sejam reprimidos e possam manifestar suas dúvidas, inquietações e incompreensões quanto ao que está sendo aprendido.

Quando se desenvolve a interação entre aluno e professor, surge condições efetivas para que ambos possam ser capazes de se avaliar, de avaliarem o conteúdo em questão e de tomarem decisões quanto ao bom desempenho do processo ensino-aprendizagem.

É necessário que ocorra a auto-avaliação, de cada uma das partes, a forma como o conhecimento vem sendo ensinado e apreendido, os recursos que são utilizados, os objetivos que estão orientando a aprendizagem e se são possíveis de serem transformados, alterados de acordo com as necessidades sentidas pelo grupo. A opção por um ensino transformador, proporciona ao aluno oportunidades de desenvolvimento de sua capacidade crítica e, para isso, é importante que ele tenha condições não só de fazer críticas do que lhe é externo, que seja capaz de fazer reflexões sobre sua própria pessoa e suas relações com o conhecimento e com os outros, através da autocrítica e da auto-avaliação, e que esse educando analise as alterações ocorridas durante as interações existentes entre ele, sujeito da aprendizagem, e o novo saber.

CAPÍTULO II

1 – O PAPEL DA AVALIAÇÃO HOJE

Segundo Vani Moreira Kenski, no Livro *Repensando A Didática*, a avaliação desenvolvida durante o processo de ensino-aprendizagem deve estar vinculada a um projeto educativo mais amplo, que na sua elaboração a nível de escola deve contar com a participação dos professores, alunos, demais profissionais da escola, pais ou responsáveis e representantes da comunidade onde a escola está inserida. O projeto educativo desenvolvido na escola deve ter como resultado básico o alcance de objetivos que correspondam aos interesses e necessidades dos alunos, garantindo-lhes instrumentos que possibilitem o acesso aos conhecimentos necessários à formação de uma consciência crítica, que os liberte da fragilidade e impotência diante do poder e da dominação. Ele deve conter, oferecer condições necessárias para se desenvolver conhecimentos, deve estar ligado aos elementos resultantes das relações entre a escola e o contexto social onde ela se encontra.

Cabe ao professor oferecer subsídios para uma educação voltada para o aluno, que possibilite aos educando o acesso a instrumentos que vão auxiliar na transformação da sociedade, ficar evidente o que vai ser essencial para a aprendizagem daquele grupo de alunos, os conteúdos que serão relevantes, as habilidades e atitudes que irão contribuir, no âmbito de sua disciplina, com a formação de um indivíduo consciente, crítico e capaz de orientar o próprio aprendizado.

O professor deve estar comprometido não apenas com a simples transmissão de um saber elaborado que os alunos se limitam a estudar e a esquecer seu compromisso vai estar ligado a um processo complexo por onde esse saber vai ser adquirido pelo aluno de forma crítica, relacionado com o seu universo de experiências, de forma desafiadora, procurando novas soluções para



Seu papel fundamental é portanto a transmissão dos instrumentos que permitirá ao aluno alcançar o saber, sendo uma mediadora entre ele a realidade, a escola busca adquirir conteúdos, formar habilidades, hábitos e convicções. Se preocupa com o crescimento dos alunos. A fim de que

*“não só assimilem o saber objetivo enquanto resultado mas aprendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação”.*²

² Saviani, *Pedagogia Histórico*, p. 20

2.3 ESCOLA TECNICISTA

A avaliação é feita através dos aspectos observáveis e mensuráveis da conduta e o cuidado com o uso da tecnologia educacional, não só quanto a utilização dos recursos avançados da técnica, mas também quanto ao planejamento racional, que tendo em vista alcançar os objetivos propostos com economia de tempo, esforço e custo.

São valorizados os meios didáticos que a tecnologia oferece como a utilização de filmes, slides, máquinas de ensinar, Telensino (ensino a distância), módulos de ensino, computadores etc. A figura do professor é vista como um auxiliador que acessou outros técnicos, não havendo uma relação de afeto entre professor e aluno, pois, não há abertura para discussões e debates.

2.4 ANTIAUTORITÁRIA

A avaliação na escola renovada é desenvolvida da seguinte maneira o aluno faz sua auto-avaliação, pois, não são usados exames, qualificações e notas, porque não é “transmitido matéria” por parte do professor. O aluno é livre para fazer críticas sendo necessário assumir essa responsabilidade.

Os resultados são positivos, pois o aluno tendo essa autonomia que não lhe foi imposta, saberá dar o devido valor, sem que haja prêmios, castigos ou qualquer tipos de sanção artificial.

2.5 PROGRESSISTA

A escola promove a socialização do saber dando ênfase ao trabalho educativo que trás resultados para os alunos intencionalmente feita pela sociedade no decorrer do tempo como sua herança cultural: a ciência, as artes, a religião, a filosofia, as técnicas etc....

2.1 A AVALIAÇÃO SEGUNDO A ESCOLA TRADICIONAL

A avaliação é feita pelo acúmulo de conhecimentos repassados pelo professor aos seus alunos, onde não se leva em conta a capacidade de assimilação e criação do aluno. As provas têm um papel fundamental, como instrumento para avaliar onde se determina não só a nota mas também o comportamento do aluno.

O aluno só estuda o que o professor determina, ele não estuda para adquirir conhecimentos para sua vida, e sim para obter uma determinada nota, que poderá lhe aprovar ou reprovar, é de competência do aluno fazer a reprodução exatamente como foi repassado pelo professor em sala de aula. Usam-se prêmios para as classificações entre os melhores alunos os que desempenham "mais", e isso gera competições entre alunos, e também leva-se em conta o comportamento. É submetido à castigos corporais para que haja uma ordem e disciplina, pois é uma Instituição Parlamentarista e autoritária onde a obediência é de grande valor, onde esse aluno é intimidado e até a pouco tempo atrás essa prática era tida como normal.

2.2 NA ESCOLA NOVA

O aluno aprende fazendo sendo que a educação não é constituída só de razão, envolve sentimentos, emoções e ação, o homem é visto de forma integral, ela não visa somente o intelecto, o corpo também é valorizado é trabalhado através da Educação Física e do desenvolvimento da motricidade. A escola é equipada com laboratórios, oficinas, hortas e até imprensa.

A avaliação é uma etapa da aprendizagem, não é o produto final, o aluno se sente livre para criar, criticar fazer indagações, questionamentos, é levado em conta à cooperação e a solidariedade.

CAPÍTULO I

1 - AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Segundo Edmar Henrique Rabelo em seu livro *Avaliação, Novos tempos, Novas Práticas*, o termo *Avaliação* tornou-se popular com Ralph Tyler em meados da década de trinta com uma nova concepção de aprendizagem e que até hoje existe no sistema escolar. A avaliação assume uma postura teórica e prática e que varia quanto a sua forma de ser aplicada, pois cada sistema e o professor adotam um como correto. Porém ela não perde suas principais características: julgar valores, examinar situações e conjunto de informações sobre um determinado assunto. Pressupõe, porém, objetivos e critérios, tornando o aluno único objeto avaliado assumindo uma posição de produto e não processo, para que esse seja diferente é preciso avaliar também outros itens: os objetivos, conteúdos, propostas de intervenções didáticas com materiais e recursos utilizados. A forma utilizada para aplicar a avaliação é o que faz com que ela seja verdadeira ou não.

*“Em síntese, pode-se dizer que critério de avaliação é princípio que se toma como referência para julgar alguma coisa”.*¹

2 – A AVALIAÇÃO E SUAS MUDANÇAS

Percebe-se que, a avaliação mais rígida foi e ainda é a da Escola Tradicional, e que ainda existem em nosso meio. Com o surgimento de outras escolas posterior à Tradicional nota-se que houve uma grande evolução quanto a prática da avaliação. Cada escola concebe a educação de uma forma.

¹ Rabelo, *Avaliação, Novos Tempos, Novas Práticas*. 1998 P. 69.

avaliar, lembrando sempre das reais possibilidades dos alunos de modo que estejam em condições de cumprir as exigências colocadas pela escola.

Deve-se proceder a uma avaliação contínua que capte o desenvolvimento do educando em todos os seus aspectos, podendo auxiliar o processo de ensino-aprendizagem.

Existem várias modalidades de avaliação, seus objetivos devem explicitar conhecimentos, habilidades e atitudes, cuja a compreensão, assimilação e aplicação, por meios e métodos adequados manifestando resultados obtidos nos exercícios, provas, conversação didática, trabalho independente, etc. Concorrem para o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, e visam diagnosticar como a escola e o professor estão contribuindo para isso. O professor jamais deve rotular o aluno de desinteressado por motivo desconhecido caso venha a sair mal em uma determinada avaliação, terá que observar o que o levou a obter esta nota.

A verificação e qualificação dos resultados da aprendizagem no início, durante e no final das unidades didáticas visando sempre avaliar e superar as dificuldades, corrigir falhas e estimular os alunos a que continuem dedicando-se aos estudos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho nos mostra que a avaliação escolar assume uma postura teórica e prática que varia quanto a sua forma de ser aplicada.

O processo de Avaliação em sua forma final, classificatória, não encerra o processo ensino aprendizagem, sua função deve ser a de permitir a análise crítica da realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades ou de outras dimensões possíveis de serem atingidas. O ato de avaliar é uma fonte de conhecimentos e de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente do processo educativo.

O objetivo maior deve ser o bom desempenho do aluno, se ele não aprender com qualidade, com certeza terá dificuldades no decorrer de sua carreira estudantil, deve se tornar capaz de reconstruir conhecimentos, ser um cidadão que faça questionamentos, indagações e também ser crítico, participativo e responsável politicamente.

É necessário que seja observado a avaliação como uma relação mútua entre os aspectos quantitativos e qualitativos, ser parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e não uma etapa isolada, tornando os objetivos mais claros a que se deve atingir.

A avaliação deve ajudar todas as crianças a crescerem: os ativos e os apáticos, os espertos e os lentos, os interessados e os desinteressados porque os alunos não são iguais, nem no nível sócio-econômico nem nas suas características individuais, possibilitando o conhecimento de cada um, da sua posição em relação a classe, estabelecendo uma base para as atividades de ensino e aprendizagem.

Ela deve ser objetiva e capaz de comprovar os conhecimentos realmente assimilados, aplicando instrumentos e técnicas diversificadas de se

1.7	Planejamento, execução e avaliação no ensino: a busca de um desejo...	20
1.8	Avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso.....	20
1.9	Segundo Edmar Henrique Rabelo, A Avaliação Novos Tempos, Novas Prática.....	21
1.10	Uma questão sociocultural.....	22
1.11	Uma proposta de organização pedagógica.....	23

CAPÍTULO III

1 - MITOLOGIAS DA AVALIAÇÃO.....	26
----------------------------------	----

1.1 Avaliação e construção do conhecimento Segundo Jussara Hoffmann em seu livro Avaliação, Mito e Desafio.....	28
---	----

1.2 Imprecisões da terminologia: o significado testar e medir.....	29
--	----

1.3 Avaliação enquanto mediação.....	29
--------------------------------------	----

CONCLUSÃO.....	30
-----------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	31
--------------------------	-----------

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
------------------------	----------

CAPÍTULO I

1 - AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	7
2 – A AVALIAÇÃO E SUAS MUDANÇAS.....	7
2.1 A avaliação segundo a escola tradicional.....	8
2.2 Na escola nova.....	8
2.3 Escola Tecniciста.....	9
2.4 Antiautoritária.....	9
2.5 Progressista.....	9

CAPÍTULO II

1- O PAPELA DA AVALIAÇÃO HOJE.....	11
1.1 Avaliação da aprendizagem escolar.....	13
1.2 Avaliação educacional escolar para além do autoritarismo.....	16
1.3 Prática escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude.....	17
1.4 Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?.....	19
1.5 Planejamento e avaliação na escola.....	19
1.6 Por uma prática docente crítica e construtiva.....	20

MARIA SELMA CALDAS DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Monografia apresentada, no dia 08 de dezembro de 2003, pela Banca
Examinadora constituída pelos professores:

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos

Professor

Jane Pereira Camargo e Silva

orientadora

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me concedeu este privilégio de concluir esta etapa de estudo, que era um grande sonho em ter um curso superior. Sou grata a ele por isso e por tudo.

E também ao meu querido e estimado esposo Welson Divino de Oliveira, que muito lutou para que eu conseguisse esta conclusão, superamos inúmeras dificuldades no decorrer do curso, não foi fácil mas ele sempre procurou me encorajar e se não fosse ele não teria conseguido.

Dedico também a minha querida filha Vitória Carolina Caldas de Oliveira, que por muitas vezes tive que me ausentar por motivos de estudo e ela sendo ainda tão pequena; mas era necessário para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

MARIA SELMA CALDAS DE OLIVEIRA



AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

Savi - 30801

Tombo n°	8.447
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	16-03-04

Rubiataba
2003

MARIA SELMA CALDAS DE OLIVEIRA



AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO

FACER
2003